

A ESCOLA E A TEORIA DA RESISTÊNCIA

Rosângela Félix Passos – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) –
rosacris.passos@gmail.com

Tereza Cristina de Almeida Guimarães - Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro (Unirio) – tecrisalgui@hotmail.com

Leonardo Meirelles Cerqueira - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(Unirio) - leonardo_lmc@hotmail.com

Fátima Alves Pereira - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) –
falvespereira26@gmail.com

Introdução

Vivemos, neste tempo de depauperamento da educação brasileira, uma escola desassociada daquela que precisamos, queremos e acreditamos. Sentimos que essa lacuna entre a escola que temos e a que queremos se aprofunda cada vez mais e o sentimento de estado caótico prevalece e acentua a perda do sentido norteador do que é feito nela e do que é feito dela. Sua história, sua trajetória, seus ruídos, sua balbúrdia, sua turbulência e textura refletem as práticas enraizadas na cultura organizacional das instituições escolares, apontando-nos processos de convivências e evanescências que mantêm os traços de sua identidade.

E é nesse contexto de incertezas que construímos um estudo, objetivando focalizar a escola nas reflexões da “Teoria da Produção” ou “Teoria da Resistência”. Essa focalização acontece em meio às mudanças políticas, sociais, econômicas, educacionais e ambientais que o Brasil e o mundo estão experimentando, de forma mais intensa e rápida, durante a última década do século XX e os primeiros anos deste século XXI.

Metodologia

Nosso estudo qualitativo estabelece a revisão da literatura como abordagem para o debate sobre a instituição escolar e sua complexa singularidade nas perspectivas indicadas por Giroux (1992), argumentando acerca de duas vertentes que se entrelaçam na discussão: a escola como instituição social, cuja gênese implica necessariamente contradição e suas possibilidades enquanto espaço de resistência. Nossa discussão aborda as limitações das teorias da reprodução social e as possibilidades conceituais de teorização da resistência. Desse modo, direcionamos nosso olhar para além das

formatações e enquadramentos para tentarmos compreender a escola como lugar onde muitas e diferentes histórias são contadas, pois dentro de cada história, há uma escola, há muitas escolas dentro de tantas histórias.

Discussões e Resultados

Em nossa percepção, a escola permanece no centro do debate educacional sobre o que ela é, qual é o seu papel na sociedade atual e o que será no futuro. Muitas controvérsias e preocupações estão presentes e deram origem a discussões ainda abertas. Ela faz parte do tecido social da comunidade e, em particular, do sistema educacional formal de um país, que concebemos como um espaço público, construído em seu cotidiano de forma sistemática e permanente, onde seus atores devem participar ativamente para a formação da cidadania integral.

A escola nas circunstâncias sócio-históricas de hoje é cada vez mais diversificada e complexa, sua atividade interna e relações com o meio definem um micromundo qualificado por seus atores. Esse não cabe nas observações que desconsideram suas contradições e sua capacidade de reagir às imposições de modelos hegemônicos.

Segundo Guerrero (2003), essa capacidade é discutida nas "Teorias da Produção" ou "Teorias da Resistência" que, a partir de um quadro etnográfico e sem descartar o marxismo, visam a introduzir as contradições e complexidades da instituição escolar, até então desconsideradas. Para o estabelecimento do diálogo entre tais teorias e a escola, trazemos aquele que consideramos um dos principais expoentes dessa teorização: Henry Giroux.

Giroux (1992) defende a ideia de que resistência é comunicação; ou seja, um meio de sinalizar e construir novos significados e de construir um discurso em torno de problemas particulares de exclusão ou desigualdade. O autor argumenta que a teoria da reprodução e suas várias explicações sobre o papel e a função da educação têm apontado inestimáveis contribuições para a compreensão mais ampla da natureza política da escola e sua relação com a sociedade dominante. Entretanto, segundo ele, tal teoria não alcançou sua promessa de estabelecer uma discussão crítica abrangente dessa instituição, pois enfatizam a ideia de dominação e ignoram quaisquer percepções sobre como professores, alunos e outros atores escolares podem se reunir em contextos históricos e sociais específicos, a fim de produzir sua própria condição de existência e resistência.

Os teóricos da resistência tentam demonstrar que os mecanismos de reprodução social e cultural nunca são completos e sempre se encontram com elementos de oposição.

Eles indicam não só o papel que os alunos desempenham ao desafiar os aspectos mais opressivos das escolas, mas também as maneiras pelas quais os atores escolares compõem uma lógica oposicional, recusando-se à subordinação política e de classe.

Nesse sentido, as escolas representam terrenos contestados, marcados não apenas por contradições estruturais e ideológicas, mas também pela resistência. Em outras palavras, escolas são lugares sociais, caracterizados por currículos ocultos, dominações, dominantes, culturas subordinadas, ideologias concorrentes, oposição e resistência. Em nosso entendimento, há o reconhecimento de que conflitos e resistências ocorrem dentro de relações assimétricas de poder que favorecem as classes dominantes, mas o ponto essencial é que existem campos complexos e criativos de resistência mediados por coletivos tantas vezes silenciados que se recusam, rejeitam e descartam as mensagens autoritárias das escolas.

Giroux (1992, p. 109) argumenta que para o avanço da luta por alternativas educacionais é importante ir além das abordagens reprodutivas "reconhecendo que a reprodução é um fenômeno complexo que não só serve ao interesse da dominação, mas também contém as sementes do conflito e da transformação".

Na perspectiva dos teóricos da resistência, as escolas são instituições relativamente autônomas que fornecem espaços para comportamentos de contestação e ensino, além de representar uma fonte de contradições, tornando-as, por vezes, não mais funcionais para os interesses materiais e ideológicos da sociedade dominante. Esses espaços não são governados apenas pela lógica do local de trabalho ou da sociedade; não são meras instituições econômicas, mas também são arenas políticas, culturais e ideológicas (GIROUX, 1992).

Ou seja, redirecionar o olhar e compreender possibilidades outras a serem vividas nos espaços escolares constitui uma experiência de vida que requer a articulação de sujeitos sociais como cidadãos que lutam pela construção de projetos coletivos, onde interesses pessoais e o bem comum estejam articulados.

Conclusões

O interesse em abordar a compreensão da vida escolar a partir de algumas notas sobre a Teoria da Resistência nos faz transitar por paisagens que nos aproximam da escola para percebê-la como um espaço político de produção, resistência, reconstrução e transformação social.

Nesse sentido, refletir sobre a instituição escolar como lugar em que possa ser possível a não submissão às modelagens, determinismos e pré-concepções envolve identificar práticas baseadas nos princípios democráticos estabelecidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394/1996 de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”; “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”; “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”; “respeito à liberdade e apreço à tolerância” (BRASIL, 1998) entre outros, conjugados aos significados atribuídos a ela pelos atores escolares em sua liberdade de pensar e acreditar em alternativas que os levem a gerar processos de deliberação, elevando a construção de opções para tornar a escola uma comunidade crítica, de aprendizagem, de sociabilidade, de reinvenções, de resistências e de reexistências.

Referências

BRASIL, Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

GIROUX, Henry (1992). **Teoría y resistencia en educación**. Una pedagogía para la oposición. México: Siglo XXI Editores.

GUERRERO, Antonio Serón. **Enseñanza y sociedad**. El conocimiento sociológico de la educación. Madrid: Síntesis, 2003.